

A FENOMENOLOGIA COMO ALTERNATIVA METODOLÓGICA PARA PESQUISA ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Joel Martins *
Magali Roseira Boemer **
Clarice Aparecida Ferraz ***

MARTINS, J.; BOEMER, M.R.; FERRAZ, C.A. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 24(1):139-147, abr. 1990.

Os autores apresentam as idéias fundamentais da fenomenologia enquanto uma epistemologia voltada para as ciências humanas que se preocupa com o vivido dos sujeitos e empresa necessariamente a reflexão como uma forma de ver as coisas como elas se manifestam. Enquanto alternativa metodológica de pesquisa, a fenomenologia busca a essência do fenômeno situado e para a análise de sua estrutura, o pesquisador obtém descrições dos sujeitos que estão experienciando a situação, buscando a formação de unidades significantes. A hermenêutica é uma forma de interpretação que requer a fundamentação de um referencial filosófico.

UNITERMOS: *Fenomenologia. Pesquisa-métodos.*

A fenomenologia como uma alternativa metodológica para pesquisa, contrapõe-se ao positivismo de Augusto Comte (1798-1857) para quem *ciência* significa metodologia sistemática, limitada aos fatos — ocorrências tipicamente verificáveis e relações constantes entre os fatos, conforme refere CUPANI⁴.

O conhecimento para o positivismo é definido em termos das realizações das ciências e as idéias ou doutrinas não científicas (mitos, credos, sistemas metafísicos), são saberes ilusórios. Ciência é equivalente à verdade e o não científico em contraposição é entendido como não verdadeiro.

Para Comte, lembra CUPANI⁴, ciência positiva é aquela que tem condições de se desenvolver através de método da *observação controlada* e, nessa abordagem não se pode fazer observação científica sem técnicas que mensurem, que controlem. No entender de Comte, quem realizava isso era a física-matemática que independe da linguagem de cada um; é uma linguagem matemática.

* Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

** Professor Associado do Departamento de Enfermagem Geral e Especializada da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto — USP.

*** Professor Assistente do Departamento de Enfermagem Geral e Especializada da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto — USP.

Desta forma, algumas áreas eram consideradas “Ciências” porque tinham o modelo matemático (Astronomia, Química, Biologia). As outras áreas estavam mais distantes desse modelo — Psicologia, Sociologia, História — e, portanto, eram mais afastadas do modelo positivista.

É na tentativa de resgatar essa distância que, a partir do século XIX, a psicologia começa a se preocupar em elaborar seus laboratórios e os estudos sobre reflexologia vão gerar vários deles na França e Inglaterra.

O ideal de Comte fecunda rapidamente outras áreas, inclusive a medicina onde se observa o desenvolvimento da neurologia.

O positivismo de Comte desenvolveu-se no neopositivismo a partir da corrente intelectual denominada “Círculo de Viena”⁴ que introduziu a lógica matemática como instrumento da linguagem humana. Assim, para o neopositivismo um discurso veicula um conhecimento quando é logicamente consistente e, para esse grupo a questão da *validade* é o critério da ciência. É preciso que a pesquisa busque a *verificação* dos fatos e não se preocupe com conceitos como: Liberdade, Justiça, Educação, pois eles são desprovidos de significados científicos. .

O Círculo de Viena passou gradualmente a ver que a mensuração nem sempre era possível e introduziu reformulações no critério de verificação, passando a usar o critério de falseabilidade.

Para satisfazer o critério de validação preconizado pelo neopositivismo, a psicologia começou a se preocupar em medir sentimentos e reações. A própria enfermagem seguiu esse caminho em muitos de seus trabalhos onde os autores mostram sua preocupação em medir stress e ansiedade.

O modelo bio-médico, conforme refere CAPALBO², inspirou-se no modelo das ciências naturais (1867) a partir de Claude Bernard que traçou as etapas do método experimental que hoje todos conhecem (observação dos fatos, proposição de hipóteses a partir da observação, verificação experimental dessas hipóteses, explicação, formulação de leis e teorias).

Note-se que houve uma generalização da metodologia das ciências naturais para todos os domínios do conhecimento. Em linhas bastante gerais, pode-se dizer, foi este o pano de fundo no qual emergiu a fenomenologia como alternativa de abordagem das ciências humanas em pesquisa como oposição ao positivismo. A fenomenologia põe em evidência que os seres humanos não são objetos e que suas atitudes não podem ser vistas como simples reações.

Edmund Husserl, nascido em 1859, em Proznitz na Morávia, cuja formação básica era a matemática, é considerado o pai da fenomenologia contemporânea. Pode-se dizer que “toda a vida filosófica de Husserl, desde a filosofia da aritmética (1891) às conferências que deram origem à Crise das Ciências Europeias (1935), é dominada pelo sentimento de uma crise da cultura”⁵.

Na filosofia da aritmética, Husserl aborda a questão do número, isto é, de que o número não existe em si, como absoluto, e assinala a diferença existente entre o conceito de número e o processo de enumeração referente, respectivamente, ao seu aspecto lógico e psicológico. No prosseguir de sua trajetória, Husserl entra em contato com Franz Brentano, filósofo especialista no estudo dos textos gregos, e esse contato desperta Husserl para as "insuficiências das ciências humanas" (1900). O que ele vai censurar nessas ciências e, notadamente na psicologia, é terem elas seguido os modelos da Física Clássica e aplicá-los sem discernir que seus objetos são diferentes.

O que Husserl quer sobretudo rejeitar, lembra DARTIGUES⁵, é o naturalismo das ciências humanas que, não tendo posto em evidência a especificidade do seu objeto e, tratando-o como se fosse um objeto físico, confundem a descoberta das causas exteriores de um fenômeno com a natureza própria desse fenômeno.

Passa a defender, então, a construção de uma ciência para as experiências vividas; do vivido enquanto tal, e esse projeto não consiste em erguer uma ciência exata, pois estas já têm seu modelo na matemática. A fenomenologia irá preocupar-se com a essência através do fenômeno⁶.

E o que é fenômeno? É aquilo que surge para uma consciência, o que se manifesta para essa consciência, como resultado de uma interrogação. Do grego "phainomenon" significa discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra para o sujeito interrogador. Do verbo "phainesthai" como mostrar-se, desvelar-se. Fenômeno é, então, tudo o que se mostra, se manifesta, se desvela ao sujeito que o interroga.

A fenomenologia proposta por Husserl é uma volta ao mundo da experiência, pois este é o fundamento de todas as ciências^{2, 3, 5, 6}. Essa volta ao mundo vivido, termo introduzido por Husserl, rompe definitivamente com a pretensão de uma epistemologia das ciências humanas fundada a partir do modelo das ciências naturais: antes da realidade objetiva há um sujeito conhecedor, antes da objetividade há o horizonte do mundo e antes do sujeito da teoria do conhecimento, há uma vida "operante".

A fenomenologia tem a preocupação de descrever o fenômeno e não de explicá-lo, não se preocupando com o buscar relações causais. A preocupação será no sentido de mostrar e não em demonstrar, e a descrição prevê ou supõe um rigor, pois, através da rigorosa descrição é que se pode chegar à essência do fenômeno.

Dirigindo-se para a experiência a fenomenologia emprega, necessariamente, uma forma de reflexão que deve incluir a possibilidade de olhar as coisas como elas se manifestam⁶. É a volta às coisas mesmas, uma terceira via, uma alternativa proposta por Husserl entre o discurso especulativo da metafísica e o raciocínio das ciências positivas. É a busca da essência, ao invariante do fenômeno, pois, se é verdade que o fenômeno se doa ao sujeito que o interroga por intermédio dos sentidos, ele se doa como dotado de um sentido, de uma essência. Se todo fenô-

meno tem uma essência isto significa que não se pode reduzi-lo a sua única dimensão de fato; se a essência permite identificar um fenômeno é porque ela é sempre idêntica a si própria, não importando as circunstâncias contingentes da sua realização. .

É preciso, diz Husserl, que se volte às coisas mesmas e se apreenda a essência do fenômeno. Ele nega, então, a existência do sujeito e do mundo como sendo puros e independentes um do outro; o conhecimento só será alcançado no próprio existir do cientista. O objeto do conhecimento não é o pensador nem a realidade em si mas, a *realidade enquanto vivida* pelo pesquisador. Aqui é introduzido um conceito importante na fenomenologia — o da intencionalidade da consciência, ou seja, a sua *direção*. Consciência é sempre consciência *de* alguma coisa.

Intencionalidade é o mesmo que dirigir-se a algo, forma de entrar em contato com um objeto ou de estabelecer referências entre consciência e seu objeto.

Todos os atos humanos são intencionalidades e esta intencionalidade é um comportamento dirigido a alguma coisa no mundo⁸. A consciência tem essa capacidade e o sujeito que vive a experiência está fazendo isso. No entender de Husserl, não há fase ou aspecto da consciência humana que surja de si e por si própria; consciência é sempre consciência de alguma coisa não havendo fenômeno que não seja fenômeno para uma consciência.

A análise intencional vai levar a uma concepção de referência entre a consciência e o objeto sob uma forma que poderá parecer estranha ao senso comum. Consciência e objeto não são, com efeito, duas entidades separadas na natureza e sim, se definem, respectivamente, a partir dessa correlação que lhe é de alguma maneira, co-original.

Se consciência é sempre consciência de alguma coisa e se o objeto é sempre objeto para a consciência, é inconcebível sair dessa correlação, já que fora dela, não haveria nem consciência nem objeto⁵.

Todo esse pensar levou Husserl a definir a fenomenologia como ciência descritiva das essências da consciência e de seus atos.

Quando o fenômeno é colocado diante dos olhos, em suspensão, o pesquisador está buscando a essência que aponta para aquilo que a coisa é, e no pensar fenomenológico, a consciência é o que permite ver, que pode ir "além da coisa mesma"⁶.

Uma vez colocadas as bases gerais da fenomenologia clássica de Husserl, podemos passar ao propósito mais imediato desse texto que é tecer algumas considerações sobre a fenomenologia enquanto alternativa metodológica de pesquisa, ou seja, a utilização do método fenomenológico em pesquisa.

Nessa direção, a questão básica, prioritária, já abordadas por nós¹, é a proposição da fenomenologia como método alternativo de pesquisa, entendendo aqui a palavra alternativa no seu sentido verdadeiro, ou seja, não se pode pretender que este seja o único método, ou o melhor

ou, ainda, o pior. Trata-se de um caminho selecionado pelo pesquisador e que *tem significado para ele*.

Isto é fundamental quer para a fenomenologia, quer para o positivismo ou para o materialismo histórico dialético. São opções de caminhos que precisam ser bem percorridos e que atendam às propostas de postura do pesquisador, com sua visão de mundo, com o seu *eu* situado no mundo.

Dentro do caminhar fenomenológico em pesquisa, a primeira questão que se coloca é em relação à palavra MÉTODO; ela tem sido cautelosamente evitada por alguns fenomenologistas para que não seja associada ao sentido cartesiano de método, característico de método das ciências naturais.

Prefere-se, assim, o uso da palavra *TRAJETÓRIA* que melhor expressa o caminhar em busca da essência do fenômeno. Ao realizar uma pesquisa, a primeira preocupação que se apresenta para o pesquisador, é em geral a proposição do problema.

Em pesquisa fenomenológica, lembram MARTINS & BICUDO⁷, não há problema, o pesquisador não tem um problema para pesquisar. Ele tem suas dúvidas sobre alguma coisa e quando há dúvidas, ele *interroga*. Quando pergunta tem uma resposta. Quando interroga terá uma trajetória, estará caminhando em direção ao fenômeno, naquilo que se manifesta por si, através do sujeito que experiencia a situação. Nessa postura, não fala, por exemplo, em aprendizagem, em ansiedade; mas sim fala da experiência de estar aprendendo, de estar ansioso. Fala, portanto, de *fenômeno situado*. Assim, quando fala em aprender matemática, em aprender física, em aprender enfermagem, está satisfazendo a um conjunto de conceitos que foram transmitidos e avaliados em termos de saber ou não saber, mas a experiência do conceito não está sendo avaliada ou medida. É preciso situar o fenômeno e ter então fenômenos situados e não soltos; estará interrogando o fenômeno e não procurando solução para um problema.

Note-se que o foco está no fenômeno e não no fato. O fato é de certa forma controlado após haver sido definido. A idéia de fato, como é concebida, tem os seus fundamentos na lógica e no positivismo clássico, que vê o fato como tudo aquilo que pode tornar-se objetivo e rigoroso como objeto da ciência.

Quando há fatos haverá causalidade, repetitividade, controle. Sempre que houver uma teoria haverá relação causal de um acontecimento que foi segmentado, que foi posto ou num laboratório ou sob a visão de pesquisador empírico-lógico.

O pesquisador em fenomenologia não vai ter princípios explicativos, teorias ou qualquer indicação definitória do fenômeno *a priori*; ele vai iniciar o seu trabalho interrogando o fenômeno apenas. Isto não exclui que ele tenha um pensar.

Ao recusar os conceitos prévios, as teorias e as explicações *a priori*, já existentes, o pesquisador não parte de um marco zero ou de um vazio.

Vive-se num pré-reflexivo e enquanto esse pré-reflexivo não se torna reflexivo no sentido de “tomar consciência de”, ainda não tem uma inteligibilidade do fenômeno.

Não há teorias cu uma teoria para o pesquisador; é certo que a teoria está presente, mas o que precisa evitar é que ela influencie o seu interrogar porque se isto ocorrer já terá obtido respostas. A pesquisa fenomenológica portanto, diz respeito a um interrogar não fatos mas fenômenos e envolve um pensar *a priori* aquilo que está sendo interrogado^{1, 2, 7}.

Palavras como ciúme, depressão, hostilidade, cuidado, pensamento — todas elas são fenômenos que só podem se mostrar quando situados, isto é, numa situação que permita que eles se mostrem através das descrições de quem está sentindo ciúme, depressão, hostilidade.

Se não houver sujeitos e se não houver interrogações será difícil a situacionalidade do fenômeno. Haverá idéias a respeito do fenômeno que constituirá no máximo um pré-reflexivo.

Quando o pesquisador interroga, tal interrogação não decorre de teoria mas de uma região de inquérito. São regiões que nada têm a ver com regiões do conhecimento. Quando um físico estuda a criatividade como fenômeno, perdem-se os limites da matemática, da física e da psicologia; o pesquisador interroga numa região de inquérito. Esta, só é possível quando há sujeitos situados nessa região de inquérito. Quando o pesquisador está preocupado com os sujeitos situados encaminha-se para o seu mundo — vida que nada tem a ver com atributos qualificativos. Está interessado na experiência desses sujeitos e tenta analisar esse mundo-vida em termos de experiência vivida.

Cabe agora abordar a questão da subjetividade na fenomenologia^{3, 7}. Ela é essencial, pois nada é objetivo que não tenha sido primeiro subjetivo. A subjetividade é que permite alcançar objetividade, assim quando uma trajetória é percorrida em busca do fenômeno, graus de objetividade serão alcançados. Não se trata aqui de uma objetividade pura mas sim de uma objetividade em progresso, porque há sempre um interrogar. As verdades da pesquisa estarão sempre sendo interrogadas mesmo porque elas não serão verdades absolutas. São verdades relativas e temporais, portanto, haverá sempre múltiplas verdades que só podem subsistir se houver pesquisadores que caminham para uma intersubjetividade. Haverá, então, verdades múltiplas que são as possibilidades do fenômeno mostrar-se no seu estado “perspectival” e é na intersubjetividade que se obtém uma reflexão mais precisa sobre o fenômeno. É a subjetividade que vai permitir a objetividade.

Refletir indica uma trajetória em direção ao objeto da pesquisa no momento em que o fenômeno já se mostrou. A volta ao fenômeno é que permite a reflexão.

No enfoque fenomenológico encontram-se fenômeno e pesquisador.

O encontro entre pesquisador e fenômeno segue uma trajetória onde o fenômeno é colocado em suspensão, está diante dos olhos, para que

seja visto de forma atenta. Esse momento é chamado *epoché* e significa redução de toda e qualquer crença, teoria ou explicações *a priori*.

Este olhar atento dirigido para a coisa mesma que se põe diante do pesquisador para ser experienciada, constitui o que Husserl chamou de *epoché*: suspensão ou parada; uma saída da maneira comum de olhar e um abandonar os preconceitos e pressupostos em relação a ela¹.

Ao colocar o fenômeno em suspensão, a trajetória fenomenológica procura estabelecer um contato direto com o fenômeno que está sendo vivido.

Para a análise do fenômeno situado⁷, portanto, daquele fenômeno que foi posto diante dos olhos para investigação, o pesquisador inicia descrições da experiência pelos sujeitos que estão sendo os sujeitos da pesquisa. Para chegar à evidência das experiências o pesquisador inicia com o campo perceptual que se oferece ao sujeito a todo momento. Dentro do campo destacam-se alguns aspectos que impressionam o pesquisador, aspectos aí presentes que impõem à atenção. Nenhum objeto no conjunto total da descrição apresenta-se como algo isolado mas, desde o início, como um objeto num horizonte. Através das descrições o fenômeno surge. A descrição é um relato de alguém que sabe alguma coisa para alguém que não sabe; não se trata de uma redação ou de um relatório.

Porque o pesquisador não sabe o que se passa com o sujeito é preciso que este sujeito descreva o que se passa com ele⁷. A descrição se dá, então, na experiência do sujeito que está experienciando aquela situação. É desta maneira que o fenômeno situado se ilumina e se desvela para o pesquisador. Nem sempre, porém, é possível obter descrições feitas pelo sujeito a respeito do fenômeno que o pesquisador deseja estudar; recorre então ele à entrevistada, com muito cuidado, para não induzir respostas. Pode ainda obter relatos feitos pelo pesquisador sobre as situações que ele encontrou. Nas descrições feitas pelo sujeito o interesse não está em saber o que o sujeito pensa, qual é sua opinião mas, sobre aquilo que o sujeito está experienciando. A descrição constitui-se, portanto, em importância significativa no desenvolvimento da pesquisa fenomenológica; ela não comporta um estilo literário, normas, regras, listas de palavras ou sentenças que devem ser usadas.

O que o pesquisador busca nas descrições?

Após a análise individual de cada descrição o pesquisador busca as convergências ou invariante o aspecto comum, que permaneceu em todas as descrições^{1, 6, 7}.

Cuidados especiais precisam ser tomados a exemplo do que ocorre na pesquisa tradicional, para a análise das descrições.

A análise das descrições pode seguir quatro momentos:

— Leitura da descrição do princípio ao fim sem buscar ainda qualquer interpretação ou identificar qualquer atributo ou elemento, a fim de chegar a um sentido geral do que está descrito;

— No momento em que um sentido foi obtido, o pesquisador volta ao início e lê novamente o texto, agora tentando apreender unidades de significado, dentro de uma perspectiva (do psicólogo, do enfermeiro) e focalizando o fenômeno que está sendo pesquisado;

— Após obter unidades de significado, o pesquisador percorre todas as unidades identificadas e expressa o significado contido nelas, isto é particularmente verdadeiro para as unidades de significado que são mais reveladoras do fenômeno considerado;

— Finalmente, o pesquisador sintetiza todas as unidades de significado para chegar a uma estrutura do fenômeno. Alguns pesquisadores usam também para esse agrupamento de significados a palavra categoria, entendida aqui enquanto tema.

Uma unidade de significados em geral é uma parte da transcrição cujas frases relacionam-se uma às outras para indicarem momentos distinguíveis. O tema de uma unidade pode, algumas vezes, ser denominado ou diferencialmente indicado numa única sentença após haver feito a descrição por inteiro..

Alguns pesquisadores fenomenólogos buscam interpretar seus dados à luz de um referencial filosófico que fundamente o seu pensar. Neste caso está em evidência mesmo a hermenêutica como forma de interpretação.

A fase ou o momento da hermenêutica requer um grande investimento do pesquisador em relação ao referencial da filosofia; ele precisa conhecer o discurso com o qual vai realizar a interpretação. A seleção de um referencial norteia os significados essenciais que foram apreendidos sobre o fenômeno¹.

Não se misturam discursos na interpretação. Feita a opção por um referencial filosófico, o discurso deve ser assumido e nele o pesquisador deve permanecer. Finalmente, cabe dizer que num trabalho realizado segundo a trajetória fenomenológica, não haverá a parte relativa à conclusão e generalização. Não haverá a preocupação em concluir, uma vez que o fenômeno estará sempre se des-velando e se ocultando, numa visão dialética.

Um projeto de pesquisa segundo a abordagem fenomenológica, inicia-se sempre com uma interrogação. Esta interrogação pede, exige uma resposta e nesta resposta existe uma trajetória.

Há uma relação de estranheza que queremos investigar.

— O que é isto, a gestante?

— O que é isto, o hanseniano?

— O que é isto, o morrendo?

— O que é isto, a gagueira?

É necessário habitar esse isto.

A redação do plano é feita na primeira pessoa do singular, pois, numa postura fenomenológica não há o nós. O eu do pesquisador precisa ser assumido enquanto pessoa que está inquieta com o fenômeno e que está interrogando este fenômeno.

MARTINS, J.; BOEMER, M.R.; FERRAZ, C.A. The phenomenology as a methodological alternative for research: some considerations. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 24(1):139-147, Apr. 1990.

The authors present the fundamental ideas of the phenomenology as an epistemology aiming human sciences which is concerned with the past experiences of the subjects and necessarily uses reflection as a way to consider the facts as they show up. As a methodological alternative for research, the phenomenology seeks the essence of the posed phenomenon and, to analyse its structure the investigator gets descriptions of the subjects who undergo the situation, aiming the formation of significant units. Hermeneutics is a kind of interpretation which must rely on a philosophical body of experience.

UNITERMS: *Phenomenology. Research-methods.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BOEMER, M.R. A fenomenologia na pesquisa em enfermagem. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 4., São Paulo, 1985. *Anais. São Paulo, Associação Brasileira de Enfermagem*, 1985. p.90.
2. CAPALBO, C. Alternativas metodológicas de pesquisa. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 3., Florianópolis, 1984. *Anais. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina*, 1984. p.130. (a)
3. CAPALBO, C. A antropologia e a fenomenologia: crise do conceito tradicional de natureza humana. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 3., Florianópolis, 1984. *Anais. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina*, 1984. p.45. (b)
4. CUPANI, O.C. Positivismo, neopositivismo e funcionalismo. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 3., Florianópolis, 1984. *Anais. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina*, 1984. p.89.
5. DARTIGUES, A. *O que é a fenomenologia?* Rio de Janeiro, Eldorado Tijuca, 1973.
6. MARTINS, J. et alii. *Temas fundamentais de fenomenologia: centro de estudos fenomenológicos de São Paulo.* São Paulo, Moraes, 1984. 98p.
7. MARTINS, J. & BICUDO, M.A.V. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos.* São Paulo, Moraes, 1989.
8. SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM. Ribeirão Preto, 1979. *Relatório. Ribeirão Preto, Associação Brasileira de Enfermagem*, 1979. 148p.

Recebido em 11/07/89